



O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ARTE

ELISÂNGELA OLIVEIRA DOS SANTOS

RESUMO

Este relato tem como perspectiva, a experiência de uma Professora de Arte em exercício na rede Estadual de ensino e mestranda em educação, que após algumas experiências com estagiários da mesma disciplina, constatou alguns pontos relevantes em relação aos estágios supervisionados e suas deficiências, tanto em relação ao graduando, quanto em relação a forma que estes estágios acontecem, bem como as expectativas e as demandas em relação ao profissional da área. Este trabalho se apresenta com o objetivo de refletir sobre a real importância do cumprimento do estágio supervisionado, apesar de sua execução por vezes não ser feita da melhor forma possível, entendê-lo como um processo que facilita diagnosticar as deficiências em relação as competências necessárias para conduzir as diversas situações que surgem no ambiente escolar e que está para além do conhecimento teórico, mas que exige do profissional da educação, habilidades socioemocionais. Este relato de experiência não traz um caso em específico, mas sim uma análise pessoal de um compilado de experiências com diversos estagiários, as contribuições teóricas para uma análise crítica dos casos, Alarcão (2011), Pimenta e Lima (2012), Santos (2005), Severino (2007) e Vygotsky (2007). A discussão para esta questão traz o entendimento e a necessidade do futuro docente, ainda enquanto estagiário, refletir sobre suas limitações pedagógicas e buscar o aprimoramento, alinhando teoria e prática. Conclui-se que sendo a docência o caminho desejado, questionar sobre o real papel do professor no processo de desenvolvimento educacional é o caminho norteador para nos colocar em um processo reflexivo constante, que trará alinhamento não só com as mudanças educacionais, mas também com os avanços tecnológicos voltados para a educação.

Palavras-chave: Experiência; Estágio; Refletir; Habilidades socioemocionais; Ambiente escolar.

1 INTRODUÇÃO

Muitos dos alunos que ingressam na graduação, escolhem o curso pela facilidade de acesso, outros pelas promessas de ganhos futuros com a profissão escolhida. No entanto, para a licenciatura o atrativo está na garantia de um emprego ou falta de outros cursos em sua região, para não usar o termo “falta de opção”, que parece um pouco mais rude. Sendo assim, apenas uma pequena parcela, escolhe a licenciatura por afinidade, aptidão e/ou por experiência prévia na arte de ensinar.

Nas faculdades de Artes Visuais no Brasil, o aprendizado é genérico e acreditasse que o estudante da área, saiba e domine todas as técnicas, de todos os tipos de linguagens artísticas que constituem o grupo, como: Pintura, Escultura, Desenho e Fotografia. Ao se colocar futuramente enquanto Professor de Arte, esperarão que este saiba todas as modalidades artísticas, bem como: dança, música, arte cênica e também as artes visuais. São muitas as expectativas para com o profissional desta área, todavia, muitos dos que ingressam no curso de graduação nunca tiveram contato, tão pouco sabem o que significa uma “Fieira”, “Coxia” ou um “Espacate”, conhecimentos esses considerados básicos para o ofício.

O aprendizado é raso, os anos passam depressa, e esperasse que o aluno ao se tornar mestre saiba o que está fazendo. Para avaliar se a preparação, para o que lhe aguarda fora dos muros da universidade, está minimamente dentro dos parâmetros desejados, empurrasse o futuro professor nos ditos “Estágios Supervisionados”. A supervisão desses programas, em muitos casos, são apenas para atestar a qualidade de ensino da instituição no qual o estudante de licenciatura está inserido, e não averiguar realmente o quão preparado, ou não, para o exercício de sua função o futuro docente está.

A prática do estágio deve ser entendida como uma metodologia para desenvolver no graduando uma postura crítica e reflexiva sobre a prática educativa. Sendo um momento de compreensão, relativamente ao modo de ensinar, por meio das vivências em situações reais no cotidiano escolar. Este é o momento em que se oportuniza a solidificação do conhecimento teórico e o diagnóstico de eventuais limitações. Dessa forma, com mais clareza de suas reais necessidades, o estagiário pode buscar soluções, antes que se encontre sozinho em uma sala de aula. O estágio, deve ser compreendido como uma oportunidade de reflexões significativas no processo de formação dos futuros professores.

O objetivo deste relato de experiência, é trazer para o debate, algumas lacunas que estudantes universitários em período de estágios supervisionados encontram. Por meio desse diálogo, possibilitar a compreensão de que, “o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental” (PIMENTA e LIMA, 2012, P.29), ou seja, estimular a busca por ferramentas didático-metodológicas que desenvolva competências e habilidades que irão auxiliar nas diversas situações que surgem no cotidiano escolar, adversas aos nossos conhecimentos teóricos sobre um determinado tema artístico.

Esse momento, deve ser visto mais do que o cumprimento de exigências acadêmicas, é um momento crucial para diagnosticar possíveis insuficiências e buscar munir-se de recursos não apenas pedagógicos, mas principalmente socioemocionais. Compreendendo que a busca por aprimoramento será constante, que sua preparação enquanto futuro docente não se resume ao estágio, mas se inicia com ele, por meio da observação de quem já se encontra na linha de frente da educação e a partir de suas próprias experiências e impressões.

2 RELATO DE CASO / EXPERIÊNCIA

Os estágios quase sempre acontecem em escolas estaduais, geralmente nas regiões mais periféricas, creio ser uma estratégia para afunilar quem seguirá buscando a carreira docente. A relação entre escola e faculdade passa por uma mediação de terceiros, tanto o aluno estagiário, quanto o professor da unidade escolar de base que o receberá, na maioria dos casos, não sabem muito bem ao certo quando e como vai ocorrer.

O aluno estagiário chega à escola designada apenas com uma carta que deve ser entregue a gestão da escola, e uma planilha que o professor regente deve marcar como um checklist as atividades realizadas e assinar ao final do estágio, nesta planilha consta o que deve ser feito pelo aluno da faculdade. Mas para o professor regente, fica o questionamento referente a sua própria demanda interna já existente, o que fazer e como cumpri-la dentro dos prazos exigidos pela rede de ensino, que pouco se importa com especificidades como esta, pois em muitos casos, com um estagiário em sala o planejamento precisa ser repensado para se adequar as necessidades do graduando.

Geralmente a notícia de que se terá estagiários acompanhando as aulas chega quando ele já se encontra na porta da sala de aula, não há tempo para a preparação da turma, tão pouco o direito de recusa. Enquanto professora de arte atuante na rede estadual, no ensino fundamental e médio, sinto nesses desencontros de informações um desrespeito tanto para com o professor regente quanto com o estagiário. Observo que, engana-se quem acredita que o estágio alcance os objetivos descritos na ementa da disciplina, e a consequência disso será a inserção de mais

um profissional despreparado em sala de aula, sem conhecimentos teóricos e o mínimo de didática.

Receber um estagiário em sala de aula não é o problema da questão, mas sim notar o quão despreparado eles estão para assumir uma turma com no mínimo 30 alunos, tendo entre eles, estudantes com algum tipo de deficiência intelectual e transtornos de desenvolvimento. Sabendo que este mesmo futuro professor, “despreparado”, terá também que articular atividades diferenciadas para cada especificidade, e paralelamente a isso se capacitar teoricamente das lacunas que a faculdade não preencheu, seja por falta de recursos ou pela linguagem artística que não era correspondente ao curso, tenho reais preocupações em onde a educação irá chegar.

Até o momento, em minha curta trajetória docente, recebi 8 (oito) estagiários, destes apenas 1 (um) se mostrou verdadeiramente preparado para o exercício da docência, foi proativo, determinado, mostrou uma fala segura mesmo quando não sabia muito bem o que fazer, o que também acontece mesmo com professores antigos, mas o segredo é como reagir a situações constrangedoras, foi didático, paciente e firme quando necessário. Em contrapartida, os outros estagiários, o despreparo emocional era tão evidente que os próprios alunos notavam.

As dificuldades dos universitários em estágio, vão de falta de conhecimento teórico e habilidades didáticas até controle e domínio de questões socioemocionais para dar conta de gerir um ambiente tão plural como uma sala de aula. O tal “jogo de cintura” é uma habilidade inerente ao cargo de docente, que faculdade nenhuma vai ensinar e que o graduando por si só precisa encontrar meios para adquirir.

Os estagiários chegam com medo e saem assustados em sua grande maioria, os professores regentes e coordenação, por vezes, tentam minimizar o choque colocando-os em salas consideradas “tranquilas”, onde o índice de interesse e participação dos alunos pelas atividades propostas são maiores, mas mesmo assim, atualmente, o desinteresse e as questões de mal comportamento que desestabilizam a rotina escolar, é algo que atingiu a grande maioria dos alunos nas redes de ensino.

Os desafios que os docentes têm enfrentado são inúmeros, a indisciplina, falta de interesse do aluno, defasagem na aprendizagem, tudo isso já torna a docência uma custosa tarefa. E se aliarmos tais dificuldades vindas dos alunos, ao despreparo teórico e falta de habilidades socioemocionais dos futuros docentes, temos resultados cada vez mais alarmantes em relação a educação.

3 CONCLUSÃO

Espera-se que no estágio supervisionado, todas as questões práticas da vivência escolar possam ser resolvidas capacitando o graduando para o universo docente, porém tal cumprimento acadêmico é apenas uma pequena fração, um ponta pé inicial no processo de formação do professor. O profissional da educação deve se manter em constante atualização, sendo professor e aluno ao mesmo tempo, aprimorando não só seus conhecimentos teóricos, mas cada vez mais suas competências e habilidades socioemocionais, assim como diz VIGOTSKY (2019), “o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificadamente humanas”.

A vivência do estágio para o graduando deve servir como um momento de reflexão e compreensão de suas limitações, e entendimento quanto a necessidade de buscar constantemente no futuro, o alinhamento entre a teoria e a prática.

Para intervir, é preciso compreender. A educação, como muitos outros setores da vida em sociedade, está em crise. Importa analisar os contornos da crise, perceber os fatores que estão na sua gênese, congregar esforços e intervir sistematicamente e coerentemente. (ALARCÃO, 2011, p. 16)

A disciplina de Arte, possui o status de disciplina sem relevância, e a falta de profissionais verdadeiramente capacitados para o cargo contribui para esta realidade. Atualmente, um professor de qualquer outra área do conhecimento pode simplesmente realizar uma complementação acadêmica on-line de seis meses e se tornar um professor de “arte”. Contudo, se houver professores verdadeiramente engajados e consciente de sua função social, por mais que nas universidades e nos momentos de estágio, a preparação não alcance o mínimo esperado, o professor recém-formado, sabendo do caminho que deve percorrer, conseguirá suprimir as deficiências por meio da busca constante por aprimoração e reflexão, tanto da teoria quanto de sua prática pedagógica e humana.

O estágio jamais deve ser visto como algo negativo, um momento de desespero, que irá desmascarar as limitações do futuro docente e seu despreparo para o ambiente escolar, mas sim como um espaço de reflexão e alinhamento de expectativas, um recuar para avançar, diagnosticando as deficiências para que de forma assertiva possa encontrar recursos e superar essas necessidades.

Um questionamento que enquanto estagiário e futuro professor deve sempre ter em mente para garantir um bom trabalho é, questionar-se de: qual é exatamente o papel do professor na promoção do desenvolvimento educacional, e a partir daí, buscar estar em constante alinhamento com as mudanças educacionais, tecnologias e com a comunidade.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 110 p.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 312 p.
VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2019. 224 p.